



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, durante cerimônia alusiva à extração do primeiro barril de óleo na camada pré-sal do Campo de Tupi

Rio de Janeiro – RJ, 1º de maio de 2009

Se o José Sergio Gabrielli não se incomodar... Ele foi muito mão-de-vaca. O cara só me trouxe este tiquinho de petróleo. Não é possível. Como eu sei que tem mais barrilzinho desses lá, Zé, e você vai me dar um mais cheio do que este aqui, eu gostaria, companheiro José Alencar, que você pudesse colocar este barrilzinho no lugar mais carinhoso da sua casa. Obviamente, não vai colocar na cama, mas próximo, este barril de petróleo. Eu acho que você merece ter este troféu, que é o troféu de uma nova era na vida da Petrobras e na vida do nosso país. Portanto, este presente é seu!

Vejam o que vai acontecer daqui para a frente. A Petrobras, carinhosamente, vai ter que fazer uma centena destes barrizinhos de petróleo, porque a cada viagem internacional que eu fizer ou cada autoridade que eu receber aqui no Brasil, eu darei de regalo um barrilzinho de petróleo, simbolizando o pré-sal. Não queira, por conta disso, cobrar do governo.

Mas, companheiros e companheiras, eu peço desculpas a vocês por passar por cima da minha nominata, porque todos aqui já falaram o nome de todos.

Eu, na verdade, imaginava que o dia de hoje seria um dia de uma festa muito grande. Primeiro, nós sonhávamos que o porta-aviões brasileiro pudesse levar um conjunto de personalidades, do mais simples brasileiro até o mais graduado brasileiro, para que a gente pudesse estar próximo à Plataforma e ver este petróleo ser tirado. Não foi possível, porque o nosso porta-aviões estava em manutenção. Depois, país pobre é assim, a gente vive remendando as coisas. Depois eu imaginei que... Sugeri ao José Sergio Gabrielli que



conversasse com os sócios da Petrobras, para que a gente pudesse alugar um desses navios que transitam com turistas para cima e para baixo, que pudesse levar a gente até lá e, depois, não deveria ser muito caro. Também, nada é caro para a Petrobras pagar o (inaudível), nada é caro. Mas, também, os navios já estavam todos no Caribe, porque começa a temporada no Caribe, e nós ficamos sem navio. Essa é uma parte da verdade, a outra é sovinice. Eles são sovins que nem o diabo. Não quiseram gastar dinheiro, esta é a verdade. Então, vieram com o argumento de que não tinha mais navio para alugar.

Depois, eu tomei a decisão de ir no navio que nós compramos para ir para a Antártica. Eu fui à Antártica no ano passado, cheguei lá e vi que nosso navio era pequeno. Pedi para que a Marinha comprasse um navio maior, e nós compramos um navio, o dobro do que tem lá, e que vai caber muito mais cientistas. Mesmo assim, não é um grande navio. É um bom navio, mas não é grande. Aí começou a celeuma: eu queria ir de navio até lá. Lá pegava um helicóptero do navio, entrava pela plataforma, perfurar, sair, trazer o óleo e vir embora. Aí começou a celeuma.

Eu recebia quatro relatórios sobre o clima, desde sexta-feira passada, tentando me persuadir a não ir de navio. O médico comprou um pacote de remédio para evitar que a gente vomitasse, e esse remédio contra o vômito, a primeira coisa que a gente vomita é o remédio, a primeira coisa. Aí começaram a dizer que o vento estava 10 nós, 15 nós, 18 nós, 29 nós e que era... “Presidente...” Depois eu disse que ia mesmo, de verdade. Aí disseram que se o navio ficasse balançando assim e estivesse inclinado mais de cinco graus, o helicóptero não poderia passar. Portanto, inventaram tanta coisa, que eu falei, Deus não está querendo que eu vá nesse pré-sal. Deus não está querendo que eu vá, porque senão não inventavam tanta coisa.

Hoje de manhã eu me levantei e disseram: “O tempo vai piorar, o tempo vai piorar”. Eu me levantei pela manhã, e na hora em que abri a janela do meu quarto, eu liguei para o Brigadeiro Joseli: Joseli, cadê a piora do tempo? O sol



está maravilhoso, o mar está tranquilo. Bem, eles foram e eu não fui. Eu hoje sou um homem frustrado, porque eu que dei a idéia de ir lá. Estou há um ano esperando. É como um marido que vai para a igreja (inaudível) da mulher não aparece. Eu me sinto hoje frustrado por não ter ido com vocês lá no pré-sal. Também, foi até bom, porque eu vou noutra vez. Nós vamos ter condições melhores para que eu vá lá.

Esse é um registro que precisava ser feito, porque realmente eu tinha uma vontade imensa de ter ido lá. Eu acho que é um momento histórico para este país. É um momento, eu diria, que nós estávamos precisando vivenciar porque é uma nova era, na verdade. Nós não sabemos ainda tudo o que tem lá embaixo, nós não sabemos o que vamos enfrentar de adversidades para poder explorar esse petróleo, mas, a verdade é que, passando na ressonância magnética, o filho está perfeito, ou seja, não há nenhum problema até agora. Mas, também, o filho tem dor de barriga, tem gripe, tem febre, tem “não sei das quantas”. O probleminha que aparecer lá, nós mandamos o Estrella – que inventou a história de 168 milhões de anos – ir lá embaixo mergulhar. Transformar... Nós temos que fazer um robzinho com a cara do Estrella para descer lá embaixo. Essas coisas são assim, indescritíveis.

Em um belo dia de 2006, eu estou no meu gabinete e me liga o Gabrielli dizendo que precisava ir a Brasília para conversar comigo. Aí, chegam ele e o Estrella. Abriram um mapa na minha frente, [com] uns negócios coloridos, e começaram a falar uns nomes que eu não entendi e não decorei. Começaram a mostrar a separação do continente africano do continente sul-americano, e foram mostrando, foram mostrando, 90 milhões de anos, 70 milhões de anos, 50 milhões de anos... Eu só tenho 60, e já acho que estou velho para “desgrama”. Os caras ficam falando em milhões de anos e queriam que eu entendesse. E falaram: “Aqui tem petróleo. Aqui tem petróleo que está a dois, três, quatro mil metros de profundidade. Você não conta para ninguém, hein? Isso é segredo!” Eu, como de hábito, não contei para ninguém, mas alguns dias



depois, estava no jornal. Como só estávamos eu e os dois, alguém deve ter falado. Eu tenho consciência de que eu não fui.

Nós tomamos, como decisão de governo e da Petrobrás, que a gente não tinha que perder tempo para explorar esse petróleo. Primeiro, porque isso dá uma certa grandeza ao Brasil nas suas negociações bilaterais e multilaterais. Segundo, porque isso coloca o Brasil com uma respeitabilidade maior do que um país que tem pouco petróleo. Terceiro, porque vai garantir que a Petrobras se afirme muito mais como a empresa primeira no mundo a aperfeiçoar a mais importante tecnologia de prospecção de petróleo em águas profundas. Quarto, porque vai permitir que a gente possa discutir, sem nenhuma paixão desvairada, mas discutir com paixão e racionalidade o que nós queremos desse petróleo. Como será a participação dos nossos sócios? Qual a fatia que estará à disposição do povo brasileiro? Isso, nós estamos em uma fase quase final. O ministro Lobão, a ministra Dilma, o ministro Guido Mantega e outras dezenas de companheiros têm a responsabilidade – e não têm muito tempo mais – de me apresentar um novo marco regulatório para a indústria do petróleo no nosso país. E isso é urgente.

Eu não tenho nenhuma paixão de entrar na Opep. Até parece que a Opep não tem o poder que a gente pensa que tem porque, quando o preço aumenta, ela diz que não é ela. Quando baixa, ela diz que não é ela. Então, o que ela pode? O que ela pode, na verdade? O mercado futuro decide mais do que a Opep. É verdade. Eu perguntava para os companheiros produtores de petróleo: por que o petróleo está a US\$ 150 o barril? “Por causa do consumo da China, companheiro”. Agora teve essa crise econômica. A China continua consumindo. Aliás, a China está comprando para o futuro. A China está comprando matéria-prima em toda parte do mundo para estocar, para quando terminar a crise, e o petróleo caiu de 150 para 40. E aí você pergunta: “Agora não é mais a China. Quem é, então?”



Foi a especulação no mercado futuro, junto com o *subprime*, que levou o mundo a essa crise que nós estamos vivendo. A lição que nós tiramos disso é que a riqueza do mundo tem de estar, concomitantemente, ligada à produção de alguma coisa, e não na transferência de papéis via computador, que não gera emprego, que não gera um parafuso, que não gera um papel, que não gera absolutamente nada.

Outra coisa extremamente sagrada com esse petróleo é que nós estamos vendo surgir, ou ressurgir, os brasileiros que acreditam no Brasil. Esse negócio do vira-lata que você falou, companheiro Sérgio Cabral, é a mais pura verdade. Se vocês pegarem os editoriais de jornais importantes na década de 50, dando cacete no Getúlio Vargas e na Petrobras, por conta da Petrobras, é a mesma coisa de a gente estar vendo os discursos dos defensores do Consenso de Washington. É a mesma coisa. É aquele discurso meio fajuto, aquele discurso que fala que o Estado não vale nada. Aquele discurso que fala que trabalhador, funcionário público, todos ganham demais e são marajás. É aquele discurso que fala que pagar o salário do trabalhador é aumentar o gasto. É aquele discurso que fala que o mercado resolve tudo.

Veja como Deus é onipotente! A grande lição da economia do século XXI não foi dada pelo fracasso de nenhum país emergente. Ela foi dada exatamente pelos pós-graduados da economia mundial que sabiam tudo quando a crise era na Bolívia, que sabiam tudo quando a crise era no Brasil, que sabiam tudo quando a crise era na Rússia, mas não sabem nada quando a crise é no quintal deles.

Eu gosto de fazer analogia com a vida real, porque isso acontece na vida de todos nós. O Brasil está virando importante, então eu sou chamado para o G-20, para o G-8, para o G-10, para o G-12, para o G-14. O que tiver de G por aí, o Brasil está sendo chamado.

E o Brasil tem um papel importante. Eu falo sem medo de errar, companheiro José Alencar: hoje a mais importante figura, eu acho que a mais



importante figura da diplomacia mundial é o companheiro Celso Amorim, Ministro das Relações Exteriores deste país, que se faz respeitar pelo que fala, que se faz respeitar pelo que acredita e que se faz respeitar porque entra em uma reunião, não com o nariz empinado, mas com a cabeça erguida, falando em nome da soberania deste país.

Essa coisa é muito sagrada porque... Quando eu participo dessas reuniões, eu fico olhando o que pensam as pessoas. A primeira que eu fui, foi em Evian. Eu tinha cinco meses de governo quando fui convidado para o G-8, em Evian, uma cidadezinha francesa. Eu cheguei lá na reunião, tinha tanto arame farpado em volta da reunião... Eu nunca soube porque o G-8 se reúne tão distante e tão escondido. É uma reunião mais longe do que a outra. E agora nós fizemos o G-20 no centro de Londres e não aconteceu nada. Fizemos a primeira em Washington e não aconteceu nada. O fato de fazer bem longe e escondido fazia parte da liturgia de mostrar que tinha oito presidentes que eram superiores ao restante do mundo. Era, na verdade, uma certa valorização das coisas que eles estavam fazendo.

Hoje, o que é que eu tenho percebido? Quando acontece um problema na casa de um de nós... Você, Paulo Betti. Quando a tua vizinha brigou com o marido e o moleque fez uma arte na casa do vizinho, você sabe tudo que é resposta. Você chama o pai e fala: “Companheiro você precisa fazer isso, precisa fazer aquilo. Você cuida assim, você fala assim com seu filho, você precisa falar assim com a sua mulher”. Agora, você já reparou que quando acontece na casa da gente, a gente não sabe o que fazer? A gente não sabe.

Quando eu hoje converso com o presidente Obama, com a Angela Merkel, da Alemanha, com o Gordon Brown, da Inglaterra, com o Sarkozy, eu percebo que eles estão em uma situação muito difícil, porque ninguém tem resposta para a crise. Eles não sabem muito o que fazer, porque também ainda não sabemos o tamanho dessa crise, e não sabemos se já chegou no fundo do poço. Nós não sabemos.



Então, quando a Petrobras, no dia 1º de maio de 2009, apresenta ao mundo a prospecção e a retirada do primeiro barril de petróleo do pré-sal, isso tem um significado de uma transcendência incomensurável. Vocês gostaram? “Transcendência” e “incomensurável” juntos, vocês gostaram? Ô gente, nem eu estou acreditando que sou eu que estou aqui falando... Eu já falei “concomitantemente”, daqui a pouco eu vou falar *en passant*, daqui a pouco eu vou falar “condição *sine qua non*”, e vai por aí afora. Para quem tomou posse falando “menas laranja”, está chique demais. Está chique demais.

Eu acho que a questão do vira-lata é uma coisa extremamente importante. Ontem eu fui fazer um discurso para essa delegação internacional do Comitê Olímpico que está fiscalizando o Rio de Janeiro, e me chamaram para falar, José Sergio. Me colocaram lá, e era como se eu estivesse prestando um vestibular. A minha vida inteira eu tenho que provar as coisas. Este país já teve um monte de presidentes que não fizeram nada e nunca tiveram que provar. Eu tenho que provar todo santo dia.

Então, eu me senti como se estivesse ali prestando uma prova. Todo mundo olhando para mim, assim. Eu estava encabulado, estava encabulado. Mas eu falei: bom, eu vou falar aqui com a minha alma. Aí, eu comecei a mostrar para eles a diferença de [entre] fazer uma olimpíada no Brasil e na América do Sul, e fazer nos países que estão disputando conosco, que são Estados Unidos, Espanha e Japão. Para eles, uma olimpíada é apenas mais uma olimpíada. Eles já fizeram. Agora, para nós, é a autoafirmação de uma nação, ou seja, nós queremos provar que temos capacidade de fazer melhor do que eles uma Olimpíada melhor, mais alegre.

Ô gente, para um país que consegue fazer a leveza de uma escola de samba, fazer uma olimpíada é baba, é baba. Um país que faz o Ronaldão, que voltou desacreditado de tudo e vai ser indicado na segunda-feira como melhor jogador do Campeonato Paulista, e o “fofão” está marcando uns gols extraordinários... Este país é assim mesmo, gente. Neste país, o que faltou



durante muito tempo, foi a gente ter dado continuidade às pessoas que acreditaram em nós. Se não fosse... Vamos ser francos: se não fosse o Marechal Rondon acreditar que era possível viajar por este país, ver seus companheiros morrerem de malária, a gente não tinha aberto a quantidade de picadas e colocado a quantidade de telégrafos que nós colocamos neste país. Quando a gente fica vendo as fotografias e o mapa do que aconteceu no começo do século passado, no final do século XIX, é que a gente fala: como é importante ter alguém que acredita neste país, como é importante ter alguém que acredita na força deste país. E durante um tempo nós fomos conduzidos ou induzidos, doutrinariamente, a achar que nós não éramos nada. No Brasil é assim. Quando nós fomos disputar a Copa do Mundo, teve gente que começou a falar assim: “o Brasil não tem condições, o Brasil é pobre”. Eu aprendi, meu caro Martinho da Vila, com o Joãozinho Trinta: quem gosta de miséria é intelectual, porque pobre gosta de luxo.

Uma vez eu fiz uma discussão para reduzir material de construção civil. A Dilma estava na reunião, o companheiro José Alencar estava na reunião e tinha um monte de companheiros discutindo material da construção civil. Aí falavam o seguinte: “Não mexe no preço do azulejo porque isso não é coisa de pobre. Isso é coisa de rico”. Nunca entrou na casa de um pobre. Quem gosta mais de azulejo é pobre do que rico. Eu já fui na casa de rico, que é só concreto. Na casa de pobre tem que ter azulejo, de cima embaixo, assim. De cima embaixo.

Então, o País desaprendeu a gostar dele. Nós desaprendemos a gostar de nós. É o cinema estrangeiro que é melhor, é a música estrangeira que é melhor, é não sei o quê, é a roupa que é melhor, é a cerveja que é melhor, é o petróleo que é melhor. Não é possível que um país possa crescer se ele não acredita em si próprio. Como é que um homem como o José Alencar, que é analfabeto como eu, se transformou – lá de Caratinga, em Minas Gerais – em



um dos maiores empresários deste país? Qual é a explicação, senão a crença dele nele próprio?

Eu não sei se a diretoria da Petrobras sabia, mas quando eu fui indicar o José Eduardo Dutra para ser presidente da Petrobrás, o pessoal dizia assim: “O mercado não vai gostar. Você vai mexer no mercado? Olha...” E ainda eu tive a honra de indicar o José Eduardo Dutra para ser o presidente e o Sergio Gabrielli para ser o tesoureiro, o diretor financeiro. Aí é que o mercado não ia gostar.

Eu coloquei os dois e o mercado amou. Não teve nenhum problema. Este país foi criando sofismas, e foi criando determinadas coisas que não podiam ser feitas porque o mercado não gostava. Mas o que é o mercado? Alguém já fez campanha pedindo voto para o mercado? A gente pede voto é para o povo, a gente pede voto é para o eleitor, e normalmente a gente vai nos lugares mais pobres.

Então, este país conquistou outra vez o direito de gostar de si próprio, o direito de achar que o povo brasileiro é competente, é inteligente, que ele tem potencial de competir com qualquer coisa no mundo. E a Petrobrás... Meu querido José Sergio Gabrielli e vocês, diretores, por favor não permitam que o ego seja maior do que o que eu vou dizer agora: a Petrobras é aquela musa que a gente carrega para mostrar o sucesso do Brasil. E se vocês não tivessem brigado, tinha gente que queria privatizá-la. Aliás, tinha gente que queria mudar o nome dela, tinha gente que achava que já estava demais.

Nenhum investidor investe em um país apenas porque o país consegue tudo. As pessoas investem em um país, também pela seriedade do país. As pessoas investem em um país pelo tipo de contrato que você é capaz de assinar, e as pessoas sabem que quando o contrato tem muita subserviência, alguém vai entrar um dia e vai quebrar. As pessoas sabem. Portanto, não é fácil fazer os chamados contratos (incompreensível) que são feitos no mundo. Não tem nenhum país no mundo que encontrou grandes reservas de petróleo,



que não tenha mudado a regulamentação do petróleo. Não tem um país no mundo.

A Petrobras, nos anos 80, descobriu, talvez a maior reserva contínua de petróleo do mundo, no Iraque. Foi nos anos 80. Em 1976. Está até hoje lá sem explorar. Mas quando Saddam Hussein soube – porque a Petrobras foi obrigada a comunicar – Saddam Hussein coçou o bigode, chamou a Petrobras e falou *bye bye*, o petróleo é nosso. Pagou as dívidas da Petrobras comprando Passat da Volkswagen, e nós saímos.

Então, eu quero dizer aos nossos parceiros que este país tem grandeza e dimensão para respeitar os contratos que nós fizemos, mas este país tem grandeza e dimensão para mudar, pensando na garantia que nós vamos dar, não para mim que estou com 63 anos de idade, mas para os nossos filhos, para os nossos netos e para os nossos bisnetos. Que país a gente vai querer daqui a 20, 30 ou 40 anos? Porque nós temos que plantá-lo é agora, não dá para plantar depois.

Eu quero dizer para vocês, companheiros da direção da Petrobras, o orgulho de ter vocês como parceiros. Eu poderia falar “orgulho em ter vocês como subordinados”, mas eles não obedecem. Vocês pensam... A gente decide as coisas com eles. Isso é bom? “Está tudo certo”. Aí se passam três meses, eu pergunto: aconteceu? “Não”.

A máquina é poderosa, mas aos poucos a gente vai compartilhando o enquadramento e a gente vai fazendo com que a Petrobras perceba que ela é que é do Brasil, e não que o Brasil é dela. Ela vai percebendo, aos poucos, que o Brasil é maior do que ela, é mais importante do que ela e que ela só existe porque antes dela existia o Brasil. Você pega as grandes corporações, Petrobras, Banco do Brasil, BNDES, eles pensam: o Brasil é nosso. Quando, na verdade, vocês é que são nossos.

Eu acho que a Petrobras chegou a isso, gente fala que é por sorte, é porque Deus ajuda. De vez em quando eu vejo assim: “O Lula tem sorte, Deus



ajuda”. Sorte e coragem para fazer pesquisa, gastar dinheiro, porque não existe descoberta se não houver *money* para fazer investimento e para fazer prospecção. Cada vez que a gente acha, é preciso saber não apenas o que a gente vai ganhar para a frente, mas o que a gente já investiu para fazer pesquisa.

Em algumas dessas áreas em que nós encontramos o pré-sal, já tinha sido perfurado petróleo até uma certa altura. Novas tecnologias é que permitiram que a gente descesse a broca um pouquinho mais, novas tecnologias permitiu que a gente encontrasse isso.

Eu acho que é a segunda independência do Brasil. A Dilma disse uma coisa importante: nenhuma arrogância, nenhum nariz empinado. Nós queremos aproveitar e dar a lição que eu tenho dito que o Brasil tem que dar: toda vez que a gente ganha em importância, a gente tem que ser mais humilde. A gente não consegue convencer as pessoas pela arrogância.

Vamos pegar o Exército brasileiro no Haiti. Se alguém daqui... tem gente não gosta que o Exército brasileiro esteja no Haiti, tem gente que protesta. Mas, se vocês puderem ir ao Haiti, vão visitar o Exército brasileiro e vão ver se os haitianos querem que o Exército brasileiro saia. Antigamente, como é que um país ocupava o outro, mesmo em missão de paz? Na base da cacetada. O Brasil... No dia da Páscoa, os nossos soldados compraram chocolate Garoto e ganharam um pouco mais para fazer festa nas favelas, para as crianças pobres lá do Haiti. É uma coisa diferente. Então, quanto maior, mais humildade. Quanto maior, mais paciência e quanto mais paciência e mais humildade, mas mais altivez, mais nós seremos respeitados.

Portanto, eu queria terminar meu companheiro José Sergio Gabrielli, companheiro Lobão, Sérgio Cabral, José Alencar, Dilma, Franklin, companheiros da diretoria da Petrobrás, todos os companheiros, deputados aqui presentes, Haroldo Lima, Presidente da Agência Nacional de Petróleo, todos vocês. Eu queria dizer para vocês que não poderia ser melhor o Dia do



Trabalhador, não podia ser melhor. Eu pensei tudo isso e não deu certo eu ir lá. Mas eu tenho a convicção de que a partir de hoje... E também, pelo amor de Deus, não esperem que mude tudo amanhã. Esse é um processo, mas, a partir do dia de hoje, a gente começa a contar uma nova e melhor história para este país. Este país tem que se respeitar, tem que gostar de si mesmo, o brasileiro tem motivo para isso. Mas as pessoas vão falar: “Ah não, aqui tem bandido, aqui tem não sei das quantas, aqui tem violência”. Nós sempre, sempre, sempre jogamos para baixo. A gente quer fazer uma coisa, as pessoas falam: “Ah, mas esse dinheiro que você está gastando nisso, daria para fazer dez casinhas populares, daria para fazer dez não sei das quantas, daria para fazer dois metros de saneamento básico”. É sempre nivelado por baixo, sempre. O nosso paradigma é sempre abaixo de qualquer coisa.

Vocês estão lembrados de quando eu comprei o avião? Estão lembrados? Eu comprei o avião, aí inventaram o Aerolula. Um adversário meu disse: “Eu vou vender para fazer dez hospitais, e vou fazer...” Eu acho que o Brasil precisa de um avião maior. Eu viajo por aí, e quando chega um primeiro-ministro, Sérgio Cabral, nos aeroportos que estou, os bichos passam com o avião, que o meu cabe dentro. Eu fico com vergonha, rapaz, de tão pequeno que o meu é. Não é o avião do Lula, não é o avião do Presidente, é o avião do País, é a cara do País lá fora.

E assim as coisas vão indo, Martinho. Eu só posso dizer para vocês que eu estou vivendo momentos importantes na minha vida, de alegria, de crença, de ver as coisas acontecerem, de, talvez passar para a história como o presidente que tem a melhor relação que alguém já teve com o movimento social organizado neste país; de discutir com eles, de construir uma proposta de um milhão de casas e chamar moradores de rua para discutir, chamar empresários, chamar as centras sindicais, chamar trabalhadores rurais; de chamar... porque o programa não é nosso, o programa é da sociedade; de



fazer o PAC da Ciência e Tecnologia feito pela comunidade científica e que o governo adotou para si, e fazer a comunidade executar aquele programa.

Eu vou passar para a história como o único presidente da República que foi na sede da SBPC e todo mundo falou bem do governo. Imaginaram isso? Sabem por quê? Porque nós estamos construindo as coisas junto com eles, e nós sabemos que falta muito para fazer, muito, muito.

Mas se vocês continuarem acreditando, da forma que vocês acreditam neste país, fazendo os filhos de vocês gostarem deste país... Nós temos que fazer os nossos filhos gostarem deste país. Eu vou te contar, depois que eu aprendi a andar este mundo, não tem nada melhor do que ser brasileiro, não tem nada mais orgulhoso. Isto aqui tem tudo que a gente quer, isto aqui tem tudo. Isto aqui, o que tem de atraso, é porque durante 450 anos nós fomos colonizados. Colonizados ideologicamente, colonizados economicamente, colonizados intelectualmente. Vocês vejam, somente a Coppe, em 1963, é que aprovou pós-graduação neste país. A gente não tinha pós-graduação.

Então, gente, Petrobras, vocês são “os caras”.

Muito obrigado e boa sorte ao povo brasileiro.

(\$211A)